ISSN: 2358-8829

LEITURA, VALORES E CONVIVÊNCIA: EXPERIÊNCIA EDUCATIVA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA

Luís Carlos dos Santos [1]
Janaina Cícera Ferreira da Silva [2]
Ellendhyene Lima de Oliveira [3]
Aglaíde de Magalhães da Silva [4]
Pedro Herlleyson Gonçalves Cardoso [5]

INTRODUÇÃO

A leitura literária permite que crianças e adolescentes encontrem personagens, conflitos e experiências simbólicas que podem ampliar suas formas de compreender o mundo. A experiência de leitura não se limita à decodificação das palavras: envolve interpretação, imaginação, diálogo e relação com os repertórios culturais dos leitores. Quando realizada coletivamente, pode oferecer oportunidades de escuta, expressão e compartilhamento de perspectivas.

No Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), essas possibilidades precisam ser articuladas às finalidades da Proteção Social Básica. A Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais situa o serviço no âmbito do SUAS e estabelece referências para a organização de atividades grupais voltadas à convivência

[1] Bacharel em Administração (ESTACIO FAL), Licenciatura em Educação Especial (Unifahe), Discente do curso de Serviço Social (UNIFATECIE), Esp. em Educação Profissional e Tecnológica (IFCE), Esp. em Gestão Pública e Gestão de Pessoas (FAVENI), Esp. Políticas Públicas e Socioeducação Universidade de Brasília (UnB), Me. em Economia Rural (UFC), karloskaka@gmail.com;
[2] Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Latino-Americana de Educação (FLATED), Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Internacional do Delta, Esp. em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), janahistoria2020@gmail.com;
[3] Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Kurios (FAK), Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário INTA (UNINTA), Esp. em Letras e Literatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Discente do curso de Pós-graduando em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). ellendh11@hotmail.com;
[4] Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE), Bacharel em Serviço Social pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Especialista em Serviço Social, Direitos Sociais e o Trabalho em Comunidade pela Faculdade Kurios, Esp. em Gestão em Recursos Humanos pela Faculdade Vale do Salgado (FVS), aglaidemagalhaes@gmail.com;
[5] Licenciado em Biologia (URCA) e Química (IFCE), Esp. em Metodologia do Ensino de Biologia e Química (FacuMinas), Me. em Recursos Hídricos e Saneamento (UFAL), Dr. em Economia Rural (UFC), pedroherlleyson@yahoo.com.br.

e à prevenção de situações de risco social (Brasil, 2009). A leitura pode integrar esse repertório quando é planejada de acordo com a faixa etária, os interesses e as necessidades dos participantes, sem ser confundida com uma aula escolar ou com uma transmissão unilateral de valores.

Custódio et al. (2019) apresentam a experiência de círculos de leitura desenvolvidos em articulação com um CRAS e destacam a importância de dinâmicas diversificadas. Custódio e Vilella (2024) examinam adaptações do projeto de leitura durante a pandemia e o papel da literatura como espaço de reflexão e comunicação com a comunidade. Rodrigues e Alencar (2025) discutem a mediação de círculos de leitura na educação infantil e o reconhecimento das crianças como participantes ativos. Brasão et al. (2023) refletem sobre desafios do ensino de literatura e formação de leitores, enquanto Jardim, Sampaio e Galhardo (2019) defendem uma compreensão do letramento como prática cultural, histórica e socialmente contextualizada.

A experiência aqui discutida corresponde à atividade “Dia Nacional da Leitura – Descobrindo valores com O Pequeno Príncipe”, realizada em 24 de outubro de 2025, no auditório do CRAS III, em Iguatu–CE. Participaram crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, integrantes dos grupos Águia-Dourada e Arco-Íris. A proposta utilizou trechos da obra de Antoine de Saint-Exupéry para conversar sobre amizade, cuidado, responsabilidade, sentimentos e valorização dos vínculos afetivos.

A relação do Pequeno Príncipe com a raposa e com a rosa forneceu elementos narrativos para discutir atenção, responsabilidade e reconhecimento do outro. O propósito não foi estabelecer respostas morais únicas, mas oferecer uma situação de leitura a partir da qual os participantes pudessem formular suas interpretações e relacioná-las ao cotidiano. Coelho (2000) e Cosson (2006) ajudam a compreender a literatura como experiência formativa e prática de construção de sentidos; Freire (1989) contribui para pensar a leitura em relação com as experiências de mundo.

O objetivo deste artigo é analisar a experiência de leitura compartilhada no SCFV, destacando as possibilidades de reflexão sobre amizade, cuidado e convivência. Busca-se discutir a leitura como recurso socioeducativo, examinar manifestações registradas durante a atividade e identificar contribuições e limites para o trabalho coletivo no âmbito da assistência social. A experiência não pretende demonstrar que uma única atividade transforma vínculos de maneira permanente, mas sistematizar observações úteis para o planejamento de ações futuras.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

O trabalho configura-se como relato de experiência, de abordagem qualitativa e caráter descritivo. A análise foi construída a partir do plano de atividade e do registro dos momentos desenvolvidos, considerando as manifestações verbais atribuídas aos participantes e as observações documentadas pela equipe. Gil (2008) ressalta a importância de manter coerência entre objetivos, procedimentos e análise; por isso, o relato distingue o que consta nos registros das interpretações realizadas pelos autores.

A atividade ocorreu em 24 de outubro de 2025, no auditório do CRAS III, em Iguatu–CE, com os grupos Águia-Dourada e Arco-Íris, formados por crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. A duração prevista foi de duas horas e trinta minutos, incluindo o intervalo para lanche. A organização contou com a responsabilidade de Janaína Ferreira, a colaboração de Luís Carlos Kaká e Diego Tavares e o acompanhamento da técnica de referência, pedagoga Ellen Oliveira.

O percurso metodológico compreendeu acolhida e contextualização, leitura compartilhada de trechos de O Pequeno Príncipe, diálogo orientado por perguntas abertas e reflexão final. A conversa inicial incluiu a pergunta “Qual é o seu livro ou história preferida?”. Na leitura, foram selecionados trechos relacionados à amizade entre o Pequeno Príncipe e a raposa e ao cuidado com a rosa. Entre as questões propostas estavam “O que o Pequeno Príncipe aprendeu com a raposa?”, “O que é ser amigo?” e “Por que é importante cuidar do que amamos?”.

A análise foi organizada em três eixos: leitura como oportunidade de participação e escuta; significados associados à amizade e ao cuidado; e possibilidades da literatura para a convivência em grupo. Não foram acrescentadas entrevistas, questionários ou medidas quantitativas não constantes nos registros. As conclusões limitam-se às informações disponíveis, sem generalização para todos os participantes ou para outros contextos. Por envolver crianças e adolescentes, a divulgação deve preservar a identidade, a privacidade e a dignidade dos usuários, além de observar autorizações e orientações institucionais pertinentes.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Leitura literária e construção de sentidos

A leitura literária constitui uma prática interpretativa que aproxima o leitor de formas de expressão, conflitos e experiências humanas. O contato com uma narrativa pode estimular a imaginação, mas seus sentidos não estão prontos para serem simplesmente transmitidos pelo mediador. A interpretação envolve o texto, o leitor e os contextos culturais em que a leitura acontece. Coelho (2000) destaca a relevância da literatura infantil na formação do leitor, enquanto Cosson (2006) associa o letramento literário à apropriação da literatura por meio de práticas de leitura e interpretação.

Rodrigues e Alencar (2025) compreendem os círculos de leitura como experiências sociais e colaborativas, nas quais as crianças participam da construção de sentidos. Essa perspectiva é relevante para atividades com diferentes faixas etárias porque reconhece os participantes como sujeitos ativos, capazes de contribuir com perguntas, comentários e associações. A leitura compartilhada não exige que todos cheguem à mesma interpretação; a troca entre perspectivas pode enriquecer a compreensão da obra.

Brasão et al. (2023) discutem a necessidade de ampliar e diversificar as possibilidades de leitura para favorecer a formação de leitores críticos e evitar práticas que gerem desinteresse. Embora o artigo se concentre nos anos finais do ensino fundamental, sua reflexão contribui para pensar a mediação em contextos socioeducativos. A escolha do texto, a forma de leitura e as perguntas propostas precisam estar adequadas ao público, mantendo a experiência literária como eixo da atividade.

Jardim, Sampaio e Galhardo (2019) ressaltam que o letramento deve ser compreendido como prática cultural, cotidiana, histórica e socialmente contextualizada. A leitura, nessa perspectiva, relaciona-se às experiências locais e às diferentes formas de compreender o mundo. Freire (1989) também destaca a relação entre leitura da palavra e leitura do mundo, ajudando a compreender como os participantes podem associar uma narrativa a experiências de amizade, cuidado e convivência.

Amizade, cuidado e convivência como temas de diálogo

A amizade e o cuidado são temas que podem ser explorados literariamente por meio das relações entre personagens. Em O Pequeno Príncipe, o vínculo com a raposa e a relação com a rosa oferecem situações para discutir aproximação, responsabilidade e

reconhecimento da singularidade do outro. No contexto socioeducativo, tais temas podem abrir conversas sobre escuta, confiança, respeito e maneiras de lidar com divergências.

Trabalhar valores não significa impor uma lição moral simplificada. A amizade pode envolver desacordos e limites, e o cuidado precisa ser compreendido como atenção respeitosa, não como controle. A mediação deve permitir que os participantes formulem opiniões, ouçam os colegas e reconsiderem suas ideias. O texto literário oferece um campo simbólico para o diálogo, mas não substitui a observação cotidiana das relações e o acompanhamento continuado do grupo.

Custódio e Vilella (2024) relatam que as ações de incentivo à leitura junto ao CRAS buscaram estimular a expressão e o compartilhamento de impressões literárias, além de manter canais de comunicação com a comunidade em circunstâncias adversas. O estudo demonstra a versatilidade da leitura como prática cultural e relacional. Já Custódio et al. (2019) descrevem o uso de saraus, crônicas, leituras dramatizadas, poesias e dinâmicas, mostrando que o contato com a literatura pode assumir formatos diversos e favorecer a participação.

A conversa sobre amizade e cuidado deve evitar expor experiências pessoais sem consentimento. Perguntas abertas sobre a narrativa permitem abordar os temas sem pressionar os participantes a relatar situações familiares ou íntimas. É importante que a equipe acolha as falas sem ridicularização, respeite quem prefere permanecer em silêncio e não transforme comentários isolados em diagnósticos sobre a vida dos usuários.

Literatura no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

O SCFV organiza atividades grupais com o objetivo de complementar o trabalho social com famílias e contribuir para a convivência e a prevenção de situações de risco social (BRASIL, 2009). Nesse cenário, a literatura pode funcionar como recurso socioeducativo ao oferecer situações compartilhadas de leitura, fala e escuta. Sua pertinência depende da relação entre o conteúdo escolhido, os objetivos da atividade e as características dos participantes.

A atividade socioeducativa não deve ser reduzida à transmissão de conteúdo ou à exigência de uma resposta correta. O foco está em criar condições para a participação, a reflexão e a interação, valorizando as diferentes maneiras de compreender e expressar uma ideia. Os círculos de leitura discutidos por Rodrigues e Alencar (2025) evidenciam

o potencial da participação colaborativa; Jardim, Sampaio e Galhardo (2019) reforçam a importância de considerar os contextos sociais e culturais dos leitores.

É necessário reconhecer os limites de uma intervenção pontual. Um encontro pode favorecer a expressão e iniciar uma conversa, mas o fortalecimento de vínculos depende de processos continuados, da qualidade das relações e da articulação com as demais ações do serviço. Assim, o registro de uma atividade literária deve documentar o que ocorreu e apontar possibilidades para a continuidade, sem afirmar efeitos que não foram acompanhados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura como oportunidade de participação e escuta

O registro indica que a atividade começou com uma pergunta sobre histórias preferidas, criando uma aproximação entre o tema e o repertório dos participantes. Essa abertura evitou que o encontro começasse apenas com uma exposição da equipe e ofereceu um convite acessível à participação. A leitura compartilhada foi intercalada por perguntas sobre as atitudes das personagens e sobre o significado da amizade e do cuidado.

Esse formato aproxima-se da concepção de Cosson (2006), para quem a leitura literária exige oportunidades de apropriação e interpretação. As perguntas orientadoras não se limitaram a recuperar informações da narrativa; procuraram estimular relações entre a história e as concepções de convivência dos participantes. A mediação, nesse caso, consiste em criar espaço para a conversa, não em antecipar todas as respostas.

Os registros disponíveis descrevem envolvimento durante a leitura e nas atividades posteriores, mas não apresentam instrumentos padronizados para medir a compreensão leitora antes e depois do encontro. Portanto, não é possível afirmar melhora mensurável ou uniforme na leitura. O resultado documentado é a incorporação do texto a uma experiência coletiva de diálogo e reflexão.

Significados associados à amizade e ao cuidado

Entre as manifestações registradas estão “no meu planeta tem amizade e amor”, “vou cuidar da minha rosa com carinho”, “amar é cuidar” e “cada amigo é uma rosa que devemos proteger”. Essas frases relacionam elementos simbólicos da obra a significados

associados à amizade, ao afeto e à responsabilidade. A rosa aparece como algo que merece atenção, enquanto a amizade é expressa por meio de proteção e carinho.

Essas manifestações devem ser interpretadas como expressões situadas no contexto da atividade. Elas mostram que alguns participantes formularam sentidos próprios a partir da leitura, mas não comprovam que tais valores tenham sido incorporados de modo duradouro ao comportamento cotidiano. A distinção entre manifestação registrada e efeito permanente é essencial para manter o rigor do relato.

A perspectiva de Freire (1989) permite compreender a passagem entre o texto e a experiência cotidiana. Quando os participantes traduzem o tema em frases próprias, articulam a narrativa a referências que lhes são significativas. A leitura, portanto, funcionou como mediação para falar de sentimentos e relações, sem que a equipe precisasse determinar o sentido de cada resposta.

Em encontros futuros, o tema pode ser aprofundado com questões sobre respeito aos limites, formas de demonstrar cuidado, resolução de conflitos e convivência com diferenças. Essa continuidade ajudaria a evitar que amizade e cuidado fossem tratados apenas como palavras positivas, abrindo espaço para discutir situações concretas e escolhas cotidianas. A sequência de encontros é mais adequada à natureza processual do trabalho socioassistencial do que a expectativa de que uma única sessão produza resultados permanentes.

A literatura como recurso para a convivência

A experiência demonstra uma possibilidade de incorporar a leitura literária à programação do SCFV. A obra escolhida ofereceu referências para a conversa, e as perguntas orientadoras ajudaram a manter a unidade temática. A atividade não se limitou à leitura individual: houve oportunidade de escuta e de compartilhamento de impressões.

Essa organização dialoga com os relatos de círculos de leitura desenvolvidos em articulação com o CRAS. Custódio et al. (2019) descrevem a integração entre leitura e atividades lúdicas, enquanto Custódio e Vilella (2024) mostram a adaptação das estratégias para manter o vínculo com participantes em condições diferentes de acesso. Esses estudos não provam que toda atividade literária produz os mesmos efeitos, mas demonstram possibilidades concretas de organização e continuidade.

Brasão et al. (2023) chamam atenção para a importância de diversificar as práticas de leitura, e Rodrigues e Alencar (2025) enfatizam o caráter participativo dos círculos

literários. Em conjunto, as contribuições reforçam que a escolha de uma obra precisa ser acompanhada por mediação adequada, espaço para a expressão e respeito aos diferentes repertórios. No SCFV, esses elementos devem ser articulados às finalidades do serviço e às necessidades dos grupos.

Embora a convivência informal também faça parte da experiência, não se deve inferir que o vínculo foi fortalecido apenas porque os participantes compartilharam o mesmo espaço. O fortalecimento de vínculos requer continuidade, acompanhamento e atenção às relações no cotidiano. A leitura pode contribuir oferecendo uma situação coletiva de diálogo, mas seus efeitos precisam ser compreendidos dentro de um conjunto mais amplo de ações.

Limites e possibilidades de continuidade

O principal limite deste relato está em seu caráter descritivo, fundamentado no planejamento e nos registros disponíveis, sem entrevistas ou instrumentos específicos de avaliação. Por isso, não é possível mensurar mudanças comportamentais, comparar percepções anteriores e posteriores à atividade ou afirmar que todos os participantes vivenciaram a experiência da mesma maneira.

Os registros permitem refletir sobre as possibilidades da leitura compartilhada no contexto socioassistencial, mas não comprovam efeitos duradouros nas relações cotidianas. Essa delimitação é necessária para distinguir as intenções socioeducativas da atividade dos resultados que podem ser efetivamente sustentados pelas evidências disponíveis.

Os cinco estudos consultados oferecem contribuições complementares para essa discussão. Custódio, Nissola, Santos e Villela abordam uma ação de extensão articulada a um CRAS; Custódio e Villella (2024) discutem a continuidade de círculos de leitura durante a pandemia; Rodrigues e Alencar (2025) tratam da leitura na educação infantil; Brasão et al. (2023) discutem o ensino de literatura; e Jardim, Sampaio e Galhardo (2019) analisam a literatura escolarizada e o letramento literário.

Embora desenvolvidos em contextos distintos, esses trabalhos contribuem para pensar a mediação literária, a participação dos leitores e a contextualização das práticas de leitura. Entretanto, suas contribuições não devem ser interpretadas como comprovação de resultados idênticos ou diretamente transferíveis à experiência realizada em Iguatu.

ISSN: 2358-8829

No SCFV, a mediação pode ser aperfeiçoada mediante perguntas que favoreçam a compreensão da narrativa e a reflexão sobre amizade, cuidado, responsabilidade e respeito às diferenças. Questões abertas permitem acolher interpretações diversas, solicitar esclarecimentos e incentivar a escuta coletiva, evitando que a atividade se limite à reprodução de respostas esperadas pelos adultos.

A organização dos encontros também precisa considerar as diferentes idades, experiências escolares e formas de expressão dos participantes. A alternância entre leitura, diálogo, atividades artísticas e momentos de síntese pode favorecer a participação, respeitando os diferentes ritmos de compreensão e a disposição de cada criança ou adolescente para se manifestar.

Outro aspecto relevante é distinguir a promoção de valores da imposição de comportamentos. As narrativas podem estimular reflexões sobre convivência, limites e responsabilidade, sem transformar a mediação em julgamento moral. O diálogo deve permitir divergências e preservar a privacidade dos participantes, sem exigir relatos de experiências pessoais para demonstrar compreensão dos temas discutidos.

As expressões registradas durante a atividade, como “no meu planeta tem amizade e amor” e “amar é cuidar”, constituem manifestações relacionadas aos assuntos abordados. Embora revelem formas próprias de expressão, não são suficientes, isoladamente, para comprovar compreensão leitora aprofundada ou mudanças de comportamento. Sua análise deve considerar o contexto em que foram produzidas e distinguir as falas documentadas das interpretações dos autores.

Como possibilidade de continuidade, recomenda-se desenvolver um ciclo de leituras com obras variadas, considerando os interesses, as referências culturais e as sugestões das crianças e dos adolescentes. A participação na escolha dos textos pode ampliar o envolvimento com as atividades e fortalecer o caráter dialógico da mediação, desde que as obras sejam adequadas à faixa etária e aos objetivos do SCFV.

Outra medida consiste em aprimorar os registros profissionais por meio de um diário de campo breve, contendo a data, as etapas realizadas, as adaptações necessárias e uma síntese das manifestações relevantes. Uma pergunta ao final de cada encontro também pode identificar os temas que despertaram interesse e orientar o planejamento das atividades seguintes.

Esses instrumentos permitem acompanhar o desenvolvimento das ações e aperfeiçoar as estratégias utilizadas, sem transformar a leitura em avaliação escolar. A

sistematização deve priorizar informações pertinentes à atividade, evitando dados pessoais desnecessários e interpretações que ultrapassem o conteúdo efetivamente observado.

A dimensão ética exige que crianças e adolescentes não sejam pressionados a compartilhar experiências íntimas. As falas reproduzidas devem estar amparadas nos registros disponíveis e ser apresentadas com os cuidados necessários à preservação da identidade dos participantes. Também é importante evitar afirmações generalizantes sobre aprendizagens ou mudanças individuais com base em manifestações isoladas.

Portanto, a experiência pode ser compreendida como uma oportunidade de expressão, diálogo e convivência no âmbito do SCFV, sem que seus efeitos sejam considerados previamente comprovados. A continuidade das ações, acompanhada de registros sistemáticos e estratégias participativas, poderá ampliar a compreensão sobre as possibilidades da leitura compartilhada e contribuir para o aperfeiçoamento das práticas socioeducativas desenvolvidas no serviço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada no SCFV do CRAS III permitiu refletir sobre a leitura literária como recurso socioeducativo para abordar amizade, cuidado e convivência com crianças e adolescentes. A leitura compartilhada de trechos de O Pequeno Príncipe, acompanhada por perguntas abertas e momentos de diálogo, criou oportunidades para que os participantes relacionassem a narrativa a sentimentos e valores presentes em suas experiências.

As frases registradas durante o encontro constituem indícios de sentidos formulados por alguns participantes em torno do afeto, da amizade e da responsabilidade. Esses registros devem ser compreendidos como evidências localizadas da experiência, sem serem tomados como prova de mudanças comportamentais duradouras ou de resultados iguais para todo o grupo.

O relato reforça que a literatura pode integrar as ações do SCFV quando planejada de forma participativa, vinculada às finalidades da Proteção Social Básica e mediada com respeito às interpretações dos usuários. A leitura não precisa resultar em uma lição moral fechada; pode abrir espaço para perguntas, diferenças de opinião e reflexão sobre situações concretas de convivência.

Como limite, destaca-se a ausência de instrumentos específicos de avaliação e de acompanhamento longitudinal. Experiências futuras podem utilizar registros sistemáticos, avaliações participativas e sequências de encontros para compreender melhor os interesses e as formas de participação. Conclui-se que a leitura compartilhada pode ser uma estratégia relevante para estimular expressão e reflexão no SCFV, desde que sua contribuição seja entendida como parte de um trabalho continuado de convivência e proteção social.

Palavras-chave: Leitura literária, Convivência social, Formação de valores, Práticas socioeducativas, Infância.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à equipe do CRAS III e aos participantes dos grupos Águia-Dourada e Arco-Íris pela realização da atividade e pela contribuição à construção desta experiência socioeducativa.

REFERÊNCIAS

BRASÃO, Heber Junio Pereira; SOUSA, Cristina Soares de; SILVA, Márcia Rodrigues Luiz da; SOUSA, Gleice Kelly de; REIS, Natany Garcia. **Letramento literário:** o ensino de literatura nos anos finais do ensino fundamental. Cadernos da Fucamp, v. 22, n. 58, p. 46-58, 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Assistência Social. **Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009.** Aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília, DF: CNAS, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

CUSTÓDIO, Raquel Cardoso de Faria e; NISSOLA, Amanda Farias; SANTOS, Maria Antônia Fagundes dos; VILELLA, Ana Paula Pereira. **Círculo de leitura e CRAS:** transformação e literatura. Projeto/relato de extensão do Instituto Federal Catarinense, campus São Bento do Sul. 2019.

CUSTÓDIO, Raquel Cardoso de Faria e; VILELLA, Ana Paula Pereira. **Círculos de leitura e Centro de Referência de Assistência Social:** o desafio de manter um projeto

de extensão em meio à pandemia de Covid-19. Caminho Aberto: Revista de Extensão do IFSC, ano 11, v. 18, 2024. DOI: https://doi.org/10.35700/2359-0599.2024.18.3515.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JARDIM, Alyne de Souza; SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo; GALHARDO, Irma. **O letramento literário:** a literatura escolarizada. Dialogia, São Paulo, n. 32, p. 307-320, maio/ago. 2019. DOI: https://doi.org/10.5585/Dialogia.n32.13219.

RODRIGUES, Franciélia Saraiva Alves; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Letramento literário na educação infantil através dos círculos de leitura. **Revista Poíesis Pedagógica**, Catalão, v. 23, e2025026, 2025. DOI: https://doi.org/10.69532/2178-4442.v23.75131.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe:** com aquarelas de Eduardo Vetillo. Adaptação de James Misse. São Paulo, SP: Pé da Letra, 2015. 31 p.